

VISÕES DE CAMPO – ENTRE O REAL E O IMAGINÁRIO

Valéria Souza Lima Brito

Licenciando em Pedagogia - UESB
Grupo de Pesquisa CEPEC
valeriaslima@hotmail.com

Arlene Rosa de Santana

Licenciando em Pedagogia - UESB
Grupo de Pesquisa CEPEC
arlenesantana.rosa@hotmail.com

Karoline Kétery Alves Barbosa

Licenciando em Pedagogia - UESB
Grupo de Pesquisa CEPEC
karolketery@gmail.com

Letícia Santos Azevedo

Mestre PPG-EF/UESB
Professora do DCHEL/UESB, coordenadora do CEPEC
leticiaazevedo91@hotmail.com

RESUMO: O que é campo para você? Qual a sua ideia de campo? Interpelações como estas nortearam as análises do estudo apresentado, bem como conduziram o instrumento metodológico que atendeu tal investigação (escrita pictográfica). Esta ocorreu em uma reunião do Círculo de Estudos e Pesquisas sobre Educação do/no Campo, composto por discentes e professores da UESB, professores da rede municipal de educação de Itapetinga e egressos do curso de Pedagogia/UESB. Os sujeitos da pesquisa foram 08 estudantes do Curso de Pedagogia, recém-chegados ao grupo de pesquisa CEPEC. Amparada pela abordagem qualitativa, a pesquisa analisou a ideia de campo retratada nos desenhos feitos pelos graduandos e sua relação com a concepção de campo tratada nos referenciais. Como resultados, problematizamos as implicações e contradições presentes na concepção de campo fornecidas pelos participantes, bem como o desencadeamento de três categorias: a) Campo – lugar belo e tranquilo para viver; b) Campo - lugar de alegria e de tristezas e c) Campo – lugar de educação, cultura e identidade. Esta produção é referenciada pelos aportes: Caldart (2009), Brandão (2009), Freire (1987), Chiavenato (1998), Ehlers (1999), Bagli (2006), Derdyk (2007).

Palavras-chave: Campo. Desenhos. Realidade.

Introdução

Historicamente a ideia de campo que nos é apresentada associa-se apenas a um espaço de produção agrícola, lugar de sujeitos ignorantes, seres que sabem menos, analfabetos, rotulações que fortalecem a marginalização e invisibilidade dos seres campestres. Arelado a tais percepções, é também relacionada a ideia de campo com a imagem de passividade, lugar tranquilo, de lazer, vida confortável. Porém, a vida no campo vai além dessa visão romantizada que costumamos ter, o campo também é território de conflitos, luta, confrontos, estes orquestrados pelo desejo de justiça, saúde, educação, vida digna.

A imagem do campo construída por sujeitos históricos é carregada de sentidos. Para uns remete ingenuidade, lugar belo, de calma, peculiar para se viver. Outros o relaciona com lugar de atraso, de gente matuta, caipiras, leitura carregada de preconceitos. Mas o que é viver no campo?

Canções, poemas e as mídias, traduzem romanticamente esse estilo de vida, retratam a plenitude e a calma de como é viver em um lugar aconchegante. O verde das plantas, as frutas no pomar, os rios, lagos e cachoeiras, o canto dos pássaros, as flores, o nascer e pôr do sol radiante, como revelado na música “Casinha branca” de Gilson Vieira da Silva (1976) “[...] Eu queria ter na vida simplesmente, um lugar de mato verde pra plantar e pra colher. Ter uma casinha branca de varanda, um quintal e uma janela para ver o sol nascer”. Também, nas linhas do poema de Evandro Pereira (2008, s/p):

[...] Eu trago versos de campo,
nas patas de um cavalo,
meu verso é cantar de galo,
te acordando lentamente,
é o barulho da vertente,
de água transparente e pura,
meu verso é chá que cura,
e é do mato a beleza,
mantenho a chama do campo acesa,
para a geração futura!

Porém, faz-se necessário munir tal análise de criticidade, reflexões que problematizem esse olhar, questione verdades sobrepostas, visões de campo contaminada pela hegemonia urbanista, conservadora, latente de preconceitos, situações estas carentes de transformação. E para que esta se concretize é necessária a luta, luta do oprimido por humanidade, furtando-se de ser mais um opressor, mas um ser em marcha pela liberdade de ambos através da ação cultural (FREIRE, 1987).

Os sujeitos que vivem no campo são símbolos de luta, resistência, de um povo com suas particularidades, sua cultura e que se encontram dentro dos Movimentos Sociais, que anseiam não somente terra, mas educação, saúde, condições dignas de vida e pela afirmação da identidade, da cultura campestre. Uma peleja que segundo Caldart (2005), é a marca mais incomoda desse movimento, pois se firma nos princípios identitários, culturais, sociais e políticos, pilares que concretizam suas bandeiras.

Como possibilidade de nortear este estudo, foi-se necessário contextualizar o processo da concepção de campo, apresentada entre o que é o real e o imaginário. Sendo assim, questiona-se: Que (não) relação há entre a ideia de campo retratada nos desenhos feitos pelos graduandos e a concepção de campo tratada nos referenciais que sustentam a Educação do/no Campo?

Tais arguições estruturaram os objetivos do referido estudo, analisar a imagem de campo retratada nos desenhos elaborados por pedagogos em formação; discutir à luz da teoria visões equivocadas e estereotipadas relacionadas aos sujeitos campestres; analisar as projeções entre o imaginário e o real desta realidade, bem como compreender as bandeiras de lutas levantadas por seus protagonistas (movimento sociais) em nosso país.

Campo e cidade – Uma trajetória de preconceitos, desigualdades e segregação.

Historicamente foi disseminada a ideia que campo e cidade são lugares distintos, o que geograficamente possui fundamento, porém, além do distanciamento territorial, essa distinção se dá no plano ideológico das relações de poder estabelecidas nesses espaços.

Conforme já explanado no início dessa produção, há visões deturpadas de campo, bem como de seus sujeitos, o que ideologicamente fortalece a primazia do urbano sobre o rural, a civilização sobre os não civilizados, legitimando a ideia que apenas os moradores da cidade possuem “civilidade”, e que os do campo são rudes, possuindo assim um grau de evolução social inferior, espaço este caracterizado por uma realidade antagônica à da cidade (BAGLI, 2006).

Apesar do não reconhecimento, o campo por sua vez contribui com a vida da cidade, sujeitos que de maneira direta ou indiretamente fomenta a economia do país por meio da agricultura, dentre outros cultivos/cultura, fornece o alimento para mesa dos cidadãos, embora o avanço tecnológico, atrelado ao agronegócio, agem na contramão desse

desenvolvimento aniquilando os meios de produção do agricultor familiar, bem como a possibilidade da reforma agrária neste país.

O homem camponês passa por inúmeras dificuldades e ausências, sendo sobreviventes da desigualdade social e econômica. Desde os desastres ambientais causados pela ação antrópica na natureza (seca extrema, assoreamento dos rios, desastres ecológicos, enchentes etc.), quanto a desapropriação de terras, o latifúndio, e o êxodo rural câncer da “vida” rural, fruto da modernização tecnológica na década de 60.

Romper com a lógica de mercado no campo brasileiro, carece de organização, formação de lideranças comunitárias, ações educativas que tome como pauta a educação desses sujeitos, conquistas que serão provenientes de um empoderamento de direitos, da autonomia conquistada e do enfrentamento estabelecido frente às reais situações/organismos que subestimam a consciência ambiental/humana e marcham contra os interesses de um mundo mais justo, solidário, equitativo e ambientalmente sustentável.

Tais demandas ensejam o grito, uma luta por respeito, por qualidade de vida, por políticas públicas que atendam as demandas dos seus, desse chão de agonias. Porém, segundo Demo (ANO), estas conquistas só serão materializadas por meio da participação.

Para Moura (1986), o conceito de camponês, sugere características de uma organização social, no sentido da cultura e do modo de vida. O campo é um espaço rico, com suas particularidades, e cheio de cultura, ao mesmo tempo que tem a sua cultura, ele também a produz. É essa capacidade produtora de cultura que o constitui em espaço novo, emancipatório, um território fecundo de construção da democracia, não sendo apenas um lugar, mas um lugar onde se vive e convive. Segundo Brandão (2009, p. 51):

Um olhar algo mais complexo e interativo sobre os horizontes dos mundos rurais deveria convidar-nos a uma leitura não tanto do que, real ou ilusoriamente, domina espaços e campos de relações rurais, mas do que em seus intervalos e de maneira bem mais ativa e diferenciada do que podemos imaginar, existe, resiste e se renova, para reocupar espaços e reinventar formas de ser e viver no campo.

Diante de toda esta trajetória percorrida através da luta pela igualdade e pelo fim do preconceito da cidade para com o campo, é preciso que haja perseverança e resistência, afinal esta luta deve ser incansável, pois há muitos direitos a serem conquistados através deste processo que pode acontecer constantes transformações, desconstruindo paradigmas através da tomada de consciência e ações, que é construída a partir dos movimentos sociais

A linguagem por meio do desenho

Desde os primórdios da história da humanidade os humanos utilizavam da escrita pictográfica como forma de registros, obtendo valor primordial na percepção e comunicação humana.

Atualmente, com os avanços tecnológicos, as tecnologias de informação modificaram as formas de se comunicar com o mundo, deixando essa ação mais ágil, veloz, abrindo espaço para as mais variadas formas de expressão, dentre estas, sobressai a leitura imagética (cartoons, pinturas, desenhos, imagens).

Ler imagem é ler o mundo. Hoje com as novas mídias a produção de imagens intensificou-se, múltiplos e poderosos códigos visuais invadem espaços públicos e privados, através da televisão, jornais, revistas, cinema e da internet, assim sendo, as imagens podem “dialogarem” entre si [...] (BLOG LÍNGUA E LITERATURA, 2014, s/p).

Vivemos em uma sociedade, onde a imagem se faz presente a todo instante, e para lê-las se faz necessário saber interpretá-las e extrair a informação para a melhor compressão. As imagens são importantes na sociedade pelo poder que tem em trazer grandes compreensões, que estão presentes na cultura, proporcionando-nos um valor único e próprio.

Tudo o que vemos e vivemos em nossa paisagem cultural, totalmente construída e inventada pelo homem, algum dia foi projetado e desenhado por alguém: a roupa que vestimos, a cadeira que sentamos, a rua pela qual passamos, o edifício, a praça. O desenho participa do projeto social, representa os interesses da comunidade, inventando formas de produção e de consumo (DERDYK, 2010, p. 37).

A imagem visual nos proporciona um olhar mais amplo e uma compreensão mais rápida do texto, e em muitos momentos a memorização da imagem é melhor do que as representações verbais, enfim, as representações icônicas são independentes das línguas (não há problemas de tradução) (LEVY, 1997, p. 156). As imagens contêm conteúdo tão significados e importante no processo de aprendizagem, pois muitas vezes a memorização, trazida ao campo visual promove um conhecimento amplo, a gerar uma representação mental, ou interna do conhecimento a propiciar externamente as emoções.

Vivemos em um tempo visual, onde a imagem, é um meio capaz de transmitir o conhecimento, tornando a expressão da linguagem mais ampla, e contribuindo para uma cultura, mais dinâmica, criativa e imaginativa, promovendo uma nova forma de se comunicar, assim, as imagens servem para interpretações, facilitando a comunicação. É no contexto sociocultural de cada indivíduo que ele reproduzirá, e fará as associações mentais, ao

pronunciar, o que remete a ideia de campo, e desenvolve-a a partir das suas experiências, seus conceitos gerando assim imagens particulares.

Quando ouvimos a palavra campo o que vem à mente? Certamente, algumas imagens e conceitos emergem de forma imediata, como que tivesse acessado uma “pasta de documentos”, formado por informações que recebemos no decorrer da vida, nos diferentes lugares e contextos, representadas pelos variados tipos de textos, desenhos, filmes, experiências.

Muitas dessas imagens e conceitos são construídos, desconstruídos, reelaborados e reproduzidos em nosso cotidiano. Percebe-se que a ideia de campo e cidade é produzida constantemente nesse processo dinâmico das relações, e nesta pesquisa o sujeito se relaciona com esse mundo, que não há um único padrão, tudo é processo de descobertas e significados.

Delineando nosso percurso metodológico

Este estudo responde as características da pesquisa qualitativa que segundo Chizzotti (1995, p.79) essa abordagem:

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro, está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Ainda conforme Chizzotti (1996, p. 79), o/a pesquisador/a será um “ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais”, estando ele/a incumbido de desvelar os sentidos, analisar e interpretar a realidade/objeto pesquisado.

A pesquisa se deu em uma reunião do Círculo de Estudos e Pesquisas sobre Educação no/do Campo (CEPEC), que ocorre quinzenalmente no módulo de Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Juvino Oliveira, na cidade de Itapetinga, localizada no sudoeste da Bahia.

Os sujeitos da pesquisa foram 08 (oito) estudantes do Curso de Pedagogia, recém-chegados ao grupo de pesquisa CEPEC, composto por discentes da UESB, professores da rede municipal de educação de Itapetinga, egressos do curso de Pedagogia/UESB, coordenado por uma docente do Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagens/UESB, esta

que atua em pesquisas na área de Educação do/no Campo, Movimentos Sociais, Educação Ambiental e Formação de Professores.

Quanto aos instrumentos metodológicos escolhidos para coleta de dados, optamos pela escrita pictográfica, conduzida por meio da palavra geradora “campo”. Os partícipes foram interpelados com a seguinte questão: Qual a sua ideia de campo? Na sequência, foi proposto aos partícipes que respondessem por meio do desenho o questionamento e posteriormente apresentasse tal produção e explanação.

No que se refere à análise e tratamento dos dados, optamos por apreciar e interpretar os desenhos à luz do referencial que sustenta o estudo e a análise do discurso orientada por Cassano (2003, p.02) que respalda, “ler uma imagem não é, pois, descrever seus elementos visuais, mas atribuir sentido do ponto de vista social e ideológico”. Diante disso, a compreensão de uma imagem projetada a partir de que cada sujeito tem sentido, e produzirá um discurso.

Discussão e análise dos dados

Ao realizar a interpelação: Qual a sua ideia de campo? Os oito (8) licenciados em Pedagogia, sujeitos que colaboraram com este respectivo estudo responderam a tal indagação por meio de desenho, representação simbólica que norteou esta análise e auxiliou a problematização do tema à luz do referencial bibliográfico escolhido.

A imagem pode se definir como uma representação daquilo que alguém sabe, acredita ou vivencia, mediando uma ligação entre o real e o imaginário. Um sujeito tem a imagem de campo arquivada na memória, entretanto, não será similar a imagem que o outro possui, pois, a visão é específica de cada indivíduo. Essa imagem de campo retratada pode ser influenciada por experiências nesse *lócus*, por histórias, relatos, ou pela mídia.

Os desenhos apresentados durante a coleta de dados fizeram emergir categorias, estas que nomeiam as respectivas imagens. O processo de categorização foi orientado pela literatura estudada, bem como por meio da apresentação dos desenhos por seus respectivos autores, momento que justificaram suas respostas verbalmente.

As categorias emergidas: a) Campo – lugar belo e tranquilo para viver; b) Campo - lugar de alegria e de tristezas e c) Campo – lugar de educação, cultura e identidade.

A categoria *Campo – lugar belo e tranquilo para viver*, foi desenvolvida por meio da análise dos seguintes desenhos:

Figuras 1, 2 e 3 – Desenhos das graduandas Sol, Céu e Flor.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Nos três desenhos acima podemos observar como as participes apresentam o campo como um lugar de tranquilidade, calmo, silencioso, harmonioso, presença de várias árvores e animais, o que aparentemente reflete um lugar onde a natureza é conservada, não há conflito, nem problemas ambientais. Tais interpretações são reais no cenário rural do século XXI? Essa visão seria uma exceção no contexto rural brasileiro hoje?

Não é o que aponta os dados anuais disponibilizado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT). Os conflitos no campo registrados no Brasil aumentaram de 1.217, em 2015, para 1.536, em 2016, o que representa um aumento de 26%, segundo relatório anual

apresentado pela CPT em Brasília. Desse total, 1.079 resultaram em violência. De acordo com a entidade, é a estatística mais elevada desde quando a pesquisa começou a ser feita, em 1985.

Do total de conflitos, 1.295 estão relacionados à luta pela terra, incluindo desde situações de despejo e ameaça até os casos de morte. Outros 172 são disputas por água – maior número desde quando a CPT começou a catalogar esses casos específicos, em 2002. Além disso, houve 69 conflitos referentes a questões trabalhistas, sendo 68 deles somente ocorrências de trabalho escravo.

Os dados acima reverberam uma amostra real que indica profunda gravidade no campo brasileiro. Tal cenário fere a imagem retratada nas figuras 1, 2 e 3 como lugar calmo e tranquilo, podendo tais figuras se reportarem a uma ideia particular (incomum) e não universal de campo, influenciada muitas vezes pela mídia, ou outras formas de linguagem (musical, poética etc.). É real a presença dos conflitos, carecendo emergencialmente do firmamento de políticas públicas que projete uma transformação nessa realidade de violências, chacinas e negligenciamento de direitos.

Outro aspecto observado é a compreensão de que o campo é lugar de vida, representado pela presença simbólica das casas nos desenhos, bem como de seres humanos. Embora, a permanência desses camponeses esteja em constante ameaça, ora pela ação de “expulsão” advinda do êxodo rural 1960, graças ao rápido processo de mecanização e o aumento de concentração fundiária, ora pela ausência de políticas que garantam a saúde, educação, trabalho e vida digna no campo brasileiro.

Outra categoria que merece destaque e que permite interface com a modernização engendrada no campo na década de 60 é a que define: *Campo - lugar de alegrias e de tristezas*.

Figuras 4 e 5 - Desenhos das graduandas Margarida e Esperança.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

As participes autoras desses desenhos, no momento de explanação sobre os mesmos relataram aspectos da vida no campo, se reportando a memórias de suas infâncias, as brincadeiras, as travessuras, o trabalho na lavoura e as dificuldades de permanência no campo. Margarida emocionada após fazer memória ao seu período de vida no campo, conclui informando que pela ausência de trabalho sua família teve que abandonar a vida na roça.

Vejamos que o desenvolvimento, promessa da cidade para o campo em meados do século XX trouxe profundas tristezas para grande parte dos produtores familiares, que não estavam preparados para enfrentar este avanço. A modernização tecnológica caracterizou-se pelo duplo processo social de expulsão da população trabalhadora, transformando-a em assalariados ou desempregados rurais ou urbanos (CHIAVENATO, 1998; EHLERS, 1999).

A graduanda Esperança relatou que teve que sair do campo para morar na cidade pois ela precisava estudar e onde morava não havia escola. Neste momento, a participante também foi tomada pela emoção, salientando que esse momento foi muito doloroso, pois teve que separar-se de seus pais, para ir morar com sua tia na cidade.

A realidade aqui mencionada reflete as ausências e parcas condições presentes nas comunidades rurais do Brasil, estas que ferem direitos, privam a vida e ceifam sonhos. A luta por garantia de direitos e políticas públicas vem sendo orquestrada historicamente por movimentos sociais, organizações sociais, universidades, ONG's e entidades, como a luta "Por uma educação básica do campo" levantada na I Conferência Nacional em 1998

promovida pelo MST, UNICEF, pela UNESCO, CNBB e UnB e “Por Políticas Públicas” na II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo, em 2004, ambas realizadas em Luziania-GO.

A última categoria que emergiu das análises foi: *Campo – lugar de educação, cultura e identidade*, retratada nos próximos desenhos:

Figuras 6, 7 e 8 – Desenhos das graduandas Semente, Folha e Raiz.



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Nas figuras 7 e 8 as participantes trazem elementos do espaço campestre como plantas, animais, aves, casas. Na figura 8 além dos elementos já citados há a presença de pessoas, crianças. Porém, um aspecto observado nas figuras 6 e 8, foi a presença de uma escola. As graduandas Folha e Raiz, compreendem que mesmo com inúmeras ausências a educação precisa ser garantida neste espaço e enquanto dever do estado o direito a escola “gratuita”

precisa ser respeitado. Sobre essa gratuidade a estudante Semente já define esta instituição enquanto órgão público nomeando a do seu desenho como Escola Municipal.

Embora os dispositivos legais advogam sobre esse direito, essa política pública corre no sentido contrário, pois conforme dados disponíveis pelo Censo Escolar do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), no ano de 2014, mais de 4.084 escolas do campo foram fechadas. “Se pegarmos os últimos 15 anos, essa quantidade salta para mais de 37 mil unidades educacionais a menos no meio rural” (SILVA, 2015, s/p).

Todavia, as informações quanto à precariedade do serviço prestado às instituições educacionais no espaço rural foram e são denunciadas pelos movimentos sociais, educadores/as, trabalhadores/as rurais, pesquisadores da EC. Muitas dessas reivindicações são levantadas em congresso, eventos, atos públicos, conferências, a exemplo da II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo (2004), que contou com 1.100 participantes que trouxeram como pauta as denúncias:

[...] faltam escolas para atender a todas as crianças e jovens; ainda há muitos adolescentes e jovens fora da escola; falta infra-estrutura nas escolas e ainda há muitos docentes sem a formação necessária; falta uma política de valorização do magistério; falta apoio às iniciativas de renovação pedagógica; falta financiamento diferenciado para dar conta de tantas faltas; os mais altos índices de analfabetismo estão no campo; os currículos são deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses dos seus sujeitos (II CNEC, 2004).

Esta discussão sobre precariedade nas escolas do campo foi também relatada pela participante Semente, ela citou sobre os mínimos recursos direcionados para as escolas do campo, a ausência de formação para professores que atuam nas mesmas, incoerência de metodologia e currículo que contemple os anseios e realidade do campo e salienta: “É preciso partir da cultura e da identidade de cada uma (criança) (GRADUANDA SEMENTE).”

O campo não é somente um lugar de lida e trabalho, mas um espaço de cultura, crenças, lazer, identidade, cabendo a escola cultivar uma educação que se permita dialogar com as manifestações culturais de seu povo, bem como costumes e aprendizagens, uma educação autêntica com sua história, uma Educação “do” Campo (CALDART, 2009). Decerto, a EC caminha com o campo, em marcha a humanização de seus pares, ou seja, a sua

libertação. Uma liberdade que segundo Freire (1987) requer que os indivíduos sejam ativos, levados a ação, participação e engajamento.

Considerações finais

Aos créditos finais deste estudo, analisamos a sua relevância não só no âmbito acadêmico, mas social e político, pois firmamos nossas reflexões à luz de dispositivos legais, pesquisas e aportes teóricos que impetram esforços na garantia de direitos e políticas públicas direcionadas a vida no campo. Levantamos reflexões que problematizam a representação de campo construída junto aos ideais hegemônicos que historicamente deturpam a imagem de campo e produzem caricaturas estereotipadas do ser camponês.

Os achados também referenciaram a ideia romantizada de campo que muitos produzem, muitas vezes sustentada por fontes fílmica, literária, musical, que embora retratam um ideal ou contexto particular de campo, não responde a sua realidade universal (comum), nos tempos atuais. Faz-se necessário atentar-se para as mazelas sociais que afrontam o campo brasileiro (conflitos, violências, chacinas, misérias etc.), lugar não somente do belo, da paz, mas de história, memória, vida e luta.

O campo luta por sua sobrevivência em uma sociedade que aparta historicamente sua existência, que marginaliza os seus, enxergando-os como seres desprovidos de cultura, identidade, história, indivíduos matutos, caipiras, ignorantes, personagens de um espaço que se serve de subserviência urbana, um lugar aquém da sociedade civilizada (cidade).

O campo e cidade são espaços produzidos pelas relações sociais, caracterizadas pela singularidade de cada uma, onde os valores, comportamentos, hábitos e costumes caracteriza-se cada lugar, qualificando assim seu modo de vida, seja no campo ou na cidade. Precisamos ir além, romper os padrões impostos, transformá-los, no sentido de angariar emancipação humana e qualidade no modo de vida camponês.

Assim, acreditamos que nesse cenário de desigualdades cultural, econômica e social a “educação” é o vetor preponderante de transformação, caminho para o rompimento de ideologias conservadoras que ainda aliena e estigmatiza a vida e o ser do campo. Educação que seja pautada nos princípios da coletividade, inserção de direitos, políticas e emancipação social, enfim, uma educação libertadora, alicerçada pelas ideias freireanas, educação que emerge das lutas desse chão, educação do e com o campo.

Referências

ARAUJO, Flávia Aparecida Vieira de; SOARES, Beatriz Ribeiro. **Relação cidade-campo: desafios e perspectivas.** Campo-território: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 4, n. 7, p.201-229, fev. 2009.

BAGLI, Priscila. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema:** dos mitos pretéritos às recentes transformações. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BLOG LÍNGUA E LITERATURA. **A intertextualidade visual.** Disponível em: < <http://lingelit.blogspot.com/2014/> > Acesso em: 11 de Abril de 2019.

BRANDÃO, Carlos R. **“No rancho fundo”:** espaços e tempos no mundo rural. Uberlândia: EDUFU, 2009.

CALDART, R. S. **Elementos para a construção do projeto político pedagógico da Educação do Campo.** In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Ensino Fundamental. Cadernos Temáticos da Educação do Campo. Curitiba-PR. SEED, 2005.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra.** São Paulo-SP: Expressão Popular, 2004.

CALDART, Roseli Salete. Sobre Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice Aparecida dos (Org.). **Educação do Campo:** campo – políticas públicas – educação. Brasília, Incra; MDA, 2008.

CASSANO, Maria da Graça. **Imagens jornalísticas:** a produção e deslizamentos de sentidos. Disponível em: alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais14/Sem06/C06035.doc.

CHIAVENATO, Júlio José. **Violência no campo:** o latifúndio e a Reforma Agrária. São Paulo: Moderna, 1998.

DERDYK, Edith. **Desenho.** Desígnio. São Paulo: Senac, São Paulo, 2007.

EHLERS, Eduardo. **Agricultura Sustentável:** origens e perspectivas de um novo paradigma. 2. ed., Guaíba/RS: Agropecuária, 1999.

FLORES, Lucas Martins; DENARDI, Graciele Turchetti de Oliveira. **Em busca de uma imagem de campo:** trajetos de uma leitura discursiva. 2018. 29 v. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Uff, Niterói., 2018.

LEVY, Pierre. **Ideografia dinâmica:** para uma imaginação artificial? Trad. Manuela Guimarães. Lisboa, Instituto Piaget, 1997.

MARCUZZO, Juliana Luisa; RAMOS, Marília Patta. **A definição de rural e urbano e o desenvolvimento regional:** uma avaliação de diferentes metodologias de classificação. 2011. 28 f. Monografia (Especialização) – Universidade Santa Cruz do Sul, Brasil, 2011.

MOURA, Margarida M. **Camponeses.** São Paulo: Ática, 1986.

SAMPAIO, Cristiane. **Conflitos no campo aumentam 26% e batem recorde, diz CPT:** Relatório da organização aponta que ocorrências cresceram 26% de 2015 a 2016. Brasil de Fato. Brasília - DF. 18 de Abril de 2017. Disponível em: <
<https://www.brasildefato.com.br/2017/04/18/conflitos-aumentam-e-violencia-no-campo-bate-recorde-diz-comissao-pastoral-da-terra/>> Acesso em: 14 de Abril de 2019.

SILVA, Gesiane Líbero da; LAUTET, Luiz Fernando de Carli. **“Educação do campo:** alternativas metodológicas para uma prática educacional de qualidade. 2010. 16 f. Curso de Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2010.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na história e na literatura. Tradução: P. H. Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.